2001.

COMENIUS, J.A. [1638] Didática Magna. São Paulo: Calouste. Gulbenkian, 2002.

COSTA, N. F. Dificuldades de Aprendizagem: UM ESTUDO DOCUMENTAL. 77fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação Mediadora: Uma Relação Dialógica na Construção do Conhecimento. Porto Alegre: Mediação, 1991.

KRAMER, Sonia (orgs.). Infância, Educação e Direitos Humanos. São Paulo, SP: Cortez, 1999. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.

OLIVEIRA, Glória Aparecida Pereira. A concepção de egressos de um curso de Pedagogia acerca da contribuição do trabalho de conclusão de curso. 2003. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1994.

PESTALOZZI, J.(1746) – Cartas sobre Educação Infantil(1969) – (Traducción de José M. Q. Cabanas) – Madrid: Editorial Tecnos.

ROSSEAU, Jean Jacques, Discurso sobre educação – Ridendo Castigat Mores. 1712.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.” São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988. . O desenvolvimento psicológico na infância (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARIÉS, Philippe. História Social educação. Rio de Janeiro. LTC, 1981.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. p.53.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Estatuto da Criança e do Adolescente /ECA. Brasília, DF: MEC, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: reflexões sobre a aula e prática pedagógicas diversas. 2.ed. Petrópolis, SP: Vozes, 1997.

KSHIMOTO, Tizuco M. (Org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 5ª Edição. São Paulo: Cortez,2001.

PESTALOZZI, J.(1988) – Cartas sobre Educación Infantil(1969) – (Traducción de José M. Q. Cabanas) – Madrid: Editorial Tecnos.

PIAGET, Jean. Professores e professores: reflexões sobre a aula e prática pedagógicas diversas. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROSSEAU, Jean Jacques, Discurso sobre educação – Ridendo Castigat Mores. 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.” São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988. . O desenvolvimento psicológico na infância (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. (1941-1995). A evolução psicológica da criança. Lisboa, Edições 70.

(1959-1975). Psicologia e educação da infância. Lisboa, Estampa.

O PROCESSO CRIATIVO MEDIADO PELOS MOVIMENTOS DE SUBJETIVAÇÃO E OBJETIVAÇÃO HUMANA

DA OBJETIVIDADE DE QUEM CRIA À SUBJETIVIDADE DAQUELE QUE CONTEMPLA

LUCIENE HELOÍSA ANDRÉ DE SOUZA

RESUMO

O presente estudo traz uma interessante abordagem sobre a relação existente entre subjetivação, objetivação e a construção dos processos criativos e sua percepção.

O conhecimento de mundo imbricado no conhecimento de si mesmo, mais a sua inata inventividade é o que vai constituir a subjetividade do indivíduo, influenciando sua criatividade.

Ao entrecruzar as ideias dos teóricos que embasaram este estudo com as contribuições do fotógrafo Marcelo Augusto, este artigo pretende promover uma reflexão sobre como os processos históricos-sociais, combinados a outros fatores, podem funcionar como agentes transformadores e influenciar na criação de algo novo.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; Arte; Subjetivação; Objetivação humana.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de Vygotsky (1990), não podemos definir se um indivíduo é criativo ou não apenas a partir de sua performance ou desempenho individual. As características que compõem o fenômeno da criatividade são dadas pelas experiências de vida de cada sujeito em seu cenário sócio-histórico-cultural.

Alinhando as ideias de Lev Vygotsky, teórico socioconstrutivista, às concepções de diferentes teóricos tais como: Mikhail Bakhtin, teórico da linguagem, Jean Paul Sartre, teórico existencialista, Kátia Maheirie, Doutora em Psicologia Social e Edgar Morin, criador da teoria do pensamento complexo, o desenvolvimento deste estudo se deu por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando-se para isso, bases de dados na internet e ferramentas de pesquisa como o Google Acadêmico.

Inicialmente, foram apresentadas as definições dos conceitos de subjetividade, subjetivação, objetividade, objetivação e arte, buscando-se estabelecer relações entre estes conceitos e os pensamentos dos teóricos que embasaram este estudo.

Posteriormente, através de uma entrevista concedida pelo Fotógrafo Marcelo Augusto sobre sua formação e sobre a construção dos seus processos criativos, foi elaborado um texto, elucidando melhor estas questões e, por fim, nas considerações finais, a concatenação das ideias revelaram que a arte pode assumir um caráter coletivo, mesmo dentro da sua subjetividade.

DESENVOLVIMENTO

Mikhail Bakhtin, estudioso da linguagem, observa que as primeiras interações ocorrem antes mesmo do nascimento. De acordo o teórico, a criança começa a se ver pela primeira vez, pelos olhos da mãe. [...] é no seu tom que ela começa também a falar de si mesma; assim ela emprega, para falar de sua vida, as palavras que lhe vêm da mãe (...) Sua forma parece ter a marca do abraço materno" (Bakhtin, 1992a, p. 68).

Ao retomar os pensamentos de Vygotsky, Bakhtin reafirma que o sujeito é constituído pelo outro e pela linguagem.

Neste sentido, a subjetividade de cada um é moldada por meio das interações que se estabelecem desde bem cedo.

SUBJETIVIDADE E SUBJETIVAÇÃO

De acordo com o dicionário Aurélio - online - Subjetividade é o caráter do que é subjetivo; adj. Que diz respeito ao sujeito. / Que se passa no íntimo do sujeito pensante (por opos. a objetivo, que diz respeito ao objeto pensado). / Que varia de acordo com o julgamento, os sentimentos e os hábitos de cada um, assumindo uma característica daquilo que é individual.

Já a subjetivação é o processo de formação da subjetividade. Por exemplo, a vida

social, a aquisição da linguagem, a escolarização, as escolhas filosóficas ou profissionais são exemplos de como a subjetivação vai consolidando uma subjetividade.

Segundo Sartre (1984), este processo de tornar subjetivo no contexto coletivo e, em seguida, objetivar a subjetividade em um movimento de afirmação e negação do momento vivido é o que caracteriza o humano.

Para Morin, o eu não é puro e não está só, nem é único. Se não existisse o se, o eu não poderia falar:

[...] quando falo, ao mesmo tempo que eu, falamos “nós”; nós, a comunidade cálida da qual somos parte. Mas não há somente o “nós”; no “eu falo” também está o “se fala”. Fala-se, algo anônimo, algo que é a coletividade fria. Em cada “eu” humano há algo do “nós” e do “se”. Pois o eu não é puro e não está só, nem é único. Se não existisse o se, o eu não poderia falar. (Morin, 1996, p. 54)

Nesta perspectiva, podemos dizer que há muito do coletivo em nossa singularidade e vice-versa.

OBJETIVIDADE E OBJETIVAÇÃO HUMANA

“O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós”. Jean-Paul Sartre

Objetividade é a qualidade daquilo que é objetivo, externo à consciência, resultado de observação imparcial, independente das preferências individuais.

De acordo com o Dicionário Online de Português Dicio, objetivação é a ação de objetivar, de tornar algo abstrato em algo objetivo ou concreto.

Logo, entende-se como objetivação humana o processo através do qual o homem exterioriza sua subjetividade através da criação de objetos concretos que passam a compor a realidade exterior. Por meio do trabalho o homem objetiva sua subjetividade alterando a natureza das coisas que se materializam em objetos.

Em resumo, para que uma pessoa se torne quem ela é, com todas as suas singularidades, desde o seu nascimento, é necessário vivenciar a dialética da objetivação/subjetivação (Maheirie, 2002), apropriando-se dos significados que são coletivos, tornando-os singulares para que possa objetivá-los em forma de ação, pensamento e emoções. E é sobre a relação deste movimento com a arte que discorreremos a seguir.

O QUE É ARTE?

Segundo o dicionário Houaiss, arte é a “produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana”.

Para além desta definição, há inúmeras possibilidades de se definir arte. Não há como limitá-las a determinado estilo ou gosto.

De acordo com o site História das Artes, a palavra arte deriva do latim ars, artis, que significa maneira de ser ou de agir, profissão, habilidade natural ou adquirida, que na cultura greco-romana, possuía o sentido de ofício, habilidade. Nessa concepção, a arte estava ligada ao propósito de fazer, ou seja, era concebida com base em um aspecto executivo e manual. Hoje, considera-se que existam 11 tipos de arte. São eles: música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, história em quadrinhos (HQ), jogos eletrônicos e arte digital e de acordo com os historiadores, a definição de arte pode variar de acordo com determinado contexto cultural, porque há várias formas de se comunicar artisticamente, fazendo com que a arte seja interpretada de diferentes maneiras.

DA OBJETIVIDADE DE QUEM CRIA

À SUBJETIVIDADE DAQUELE QUE CONTEMPLA

Estão implícitas em uma criação artística tanto a subjetividade, quanto a objetividade. Todo artista tem um propósito, uma intencionalidade e, para alcançar este objetivo ele aciona o que lhe parece essencial, singular, particular e constituinte da sua singularidade. Além disso, ele também recorre aos seus conhecimentos técnicos e teóricos, busca referências e utiliza mecanismos e ferramentas para transformar a sua ideia em algo concreto que resultará em algo novo: o objeto idealizado. Através da sua própria ação o artista caminha para o que chamamos de objetivação.

As opiniões sobre os resultados desta ação podem divergir porque cada pessoa interpreta a arte à sua maneira e é esse entendimento a respeito dos diferentes tipos de arte que é subjetivo. Esse movimento todo que envolve o processo de criação leva ao entendimento de que a arte é fruto da subjetividade humana, que se objetiva no fazer artístico através da ação, para se subjetivar novamente no ato da contemplação. Este estado de subjetividade ou de objetividade da arte tem muito a ver tanto com os sentimentos, emoções e conhecimentos daquele que cria, quanto daquele que contempla a criação. A arte é uma possibilidade de transformação e de superação, pois

> [...] todo sentimento, toda emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ela, como se a emoção pudesse eleger impressões, idéias, imagens congruentes com o estado de ânimo que nos dominasse naquele instante. (Vygotski, 1990, p. 21).

Nota-se que o ato de interpretar também está relacionado a uma rede de significados.

Observe o pensamento de Sartre a respeito:

> [...] Fala-se, por exemplo, na linguagem das flores. Mas depois de estabelecido um acordo, se as rosas brancas para mim significam “fidelidade”, é que deixei de vê-las como rosas: meu olhar as atravessa para mirar, além delas, essa virtude abstrata; eu as esqueço, não dou atenção ao seu desabrochar aveludado, ao seu doce perfume estagnado, não chego sequer a percebê-las. Isso significa que não me comportei como artista.1

Em outras palavras, quando pensamos em rosas vermelhas, primeiramente, nos vem à mente flores, mas num segundo momento, as mesmas rosas vermelhas também podem significar paixão. Gatos são animais, mas um gato preto pode significar azar. Este simbolismo, quando implícito na arte, geralmente tem uma finalidade. Seja para informar ou para subverter, para chamar a atenção para um problema ou causa social, ou para modernizar; enquanto o artista está criando, certamente, ele está pensando no público que quer atingir. Seja qual for sua forma expressiva, a vontade comum a todos os artistas é a vontade de se sentirem essenciais em relação ao mundo, de realizar algo através da arte e da sua humanidade essencial.

Cheia de simbolismos, as músicas de protesto que surgiram na época da ditadura no Brasil, são um exemplo disto. Pra não dizer que não falei das flores, foi uma delas. Para quem não viveu aquilo ou desconhece aquele período histórico, dificilmente, compreenderá o significado do nome desta música que faz uma alusão ao movimento Hippie formado no final da década de 60 e início dos anos 70 e que ganhou força com o que veio a ser um dos maiores festivais de música na época: O Woodstock. Na contramão do Jazz que estava perdendo força, surgiram bandas de Rock que criaram o slogan “Faça amor, não faça guerra”. As flores simbolizavam a paz e o então “Verão do Amor” deu origem ao FLOWER POWER! (Força das Flores), um símbolo da ideologia da não-violência e do repúdio à Guerra do Vietnã. Enquanto os

movimentos ideológicos fervilhavam mundo afora, através da música, com seus colares e coroas de flores, os jovens pregavam a pluralidade, a diversidade cultural, a paz de espírito e um tipo de amor que, segundo eles, nem mesmo qualquer exército ou governo no mundo, seria capaz deter.

Inspirados no Flower Power, cresce aqui no Brasil o movimento que deu origem às músicas de protesto na época da ditadura, sendo a música de Geraldo Vandré um símbolo do movimento, o que acabou lhe custando a liberdade. O compositor foi preso e exilado por

1 SARTRE Que é a literatura? – p. 10

considerarem sua música subversiva, entretanto, ao transmitir sua mensagem a milhares de pessoas, num movimento típico de subjetivação/objetivação/subjetivação, através da sua arte que se iniciou na idealização da canção, objetivando-se na composição e interpretação do artista e se completando dialogicamente nas vozes da multidão, pode-se dizer que seu objetivo foi alcançado.

“Caminhando e cantando/ E seguindo a canção/ Somos todos iguais/ Braços dados ou não/ Nas escolas, nas ruas, campos, construções/ Caminhando e cantando/ Seguindo a canção/ Vem, vamos embora, que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer…” (trecho/ Geraldo Vandré).

Defensor incondicional da liberdade, Sartre afirma que, seja qual for o tipo de arte, liberdade e responsabilidade são indissociáveis:

“Mas se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é. Assim, a primeira meta do existencialismo é fazer com que todo homem tome posse daquilo que ele é, e fazer com que caia sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é responsável por sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.”

E Bakhtin concorda com ele no que diz respeito à responsabilidade. Para ele todo ato criativo é responsivo e dialógico, porque ele não se encerra no artista, mas sim, dialogicamente, ele se completa naquele que interpreta, que sente e que experiencia a arte.

A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO SOB A ÓTICA DE UM ARTISTA

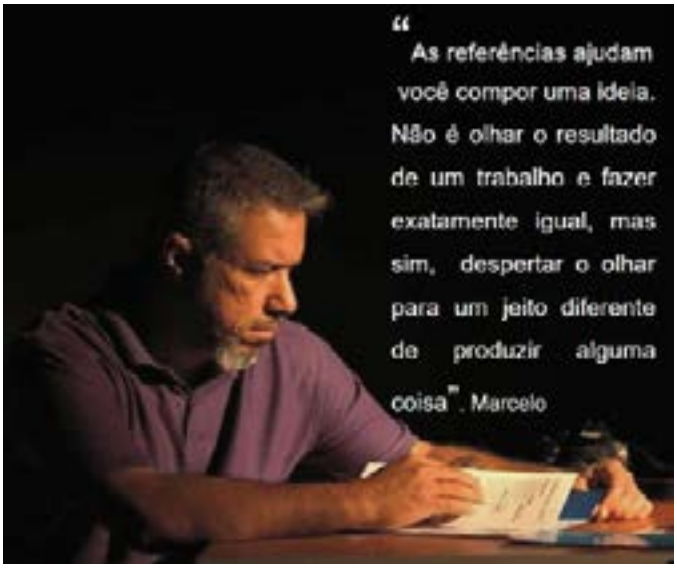


Figura 1. O fotógrafo em “ Ensaio”. Foto (Marcelo Augusto de Souza - Acervo Pessoal)

Agora, vamos conhecer o percurso percorrido por um fotógrafo no processo de composição de suas fotografias. Em uma conversa bastante descontraída, ele falou sobre a importância da sua formação acadêmica para o desenvolvimento do seu trabalho, suas principais influências e sobre como se constitui seu processo criativo.

Nascido e morador da cidade de São Paulo, o fotógrafo paulistano Marcelo Augusto de Souza, 49 anos, casado e pai de três filhos, formou-se pelo SENAC. Embora sempre gostasse de produzir fotos, por motivos circunstanciais, só começou a frequentar a Faculdade de Fotografia, depois de atuar

muitos anos na área da enfermagem. Contudo, as diferentes experiências pelas quais já passou, sejam elas pessoais ou profissionais, o ajudaram muito a constituir-se como sujeito e a pensar a fotografia, afirma.

Amante desta metrópole multifacetada, que de certa forma, desperta sentimentos e lembranças que influenciam no desenvolvimento da sua capacidade imaginativa, ele busca inspiração nas ruas, praças, edifícios, lojas e pessoas. Alguns estabelecimentos comerciais já nem existem mais, mas as lembranças se encarregam de fazer com que eles não caiam no esquecimento e por alguma razão, um tipo de sentimento traz essas recordações de volta

[...] A Praça Ramos continua lá, mas o Mappin… Ah!!! O Mappin. Quem "passou por lá", jamais se esquecerá daquela famosa loja de esquina...

E o que dizer então do polêmico estilo arquitetônico tomado por pastilhas e repleto de painéis coloridos do antigo Terminal Rodoviário da Luz? "Aquilo era realmente fascinante", observa o fotógrafo. Já o MASP, na Avenida Paulista, cuja arquitetura simples, mas ultramoderna foi inspirada em um container com o propósito de armazenar arte, transformou-se em um dos principais cartões-postais da cidade, atraindo inúmeros visitantes. Com seu design arrojado e inspirador, o intrépido edifício, além de render várias histórias é um dos queridinhos em se tratando de fotografia.



Figura 2. "MASP - Cartões Postais de São Paulo". Foto (Marcelo Augusto de Souza).

Dentre as maravilhas da arquitetura da sua cidade, o Marcelo considera a estrutura do MASP um espetáculo à parte, tanto quanto o Show do Meio Dia que entrou para a história paulistana na década de 90, em que o Canto da Cidade, na voz da baiana Daniela Mercury, abalou as estruturas do Vão do MASP e entrou definitivamente para o acervo pessoal de acontecimentos memoráveis na vida do artista. Fato é que, apesar de considerar os aspectos arquitetônicos da sua cidade muito inspiradores, os objetos de estudo e de interesse de criação do Marcelo, não se limitam apenas a tijolos , vidros, fios, aço e concreto, isto porque, sem as pessoas, uma metrópole inexiste. São elas que erguem as cidades, que escrevem sua história e as mantém de pé. Assim como a metrópole está para as pessoas, as pessoas estão para os desafios da vida urbana e falar de vida urbana, sem falar de qualidade de vida, parece no mínimo contraditório e insensato, uma vez que a qualidade de vida quando afetada, acaba gerando problemas sociais que também costumam ser retratados pelo artista. A sensibilidade e o refinamento do olhar quanto a este tema se iniciou ainda durante seu período de formação. Ele conta que quando se viu diante de um dilema sobre o que escrever no seu TCC, a primeira pergunta que se fez foi: como propagar uma ideia capaz de envolver e provocar as pessoas a refletirem sobre determinado tema ou problema social? Pensando numa estratégia, ele decidiu reunir três elementos que despertam seu interesse: o espaço arquitetônico, a história das pessoas e a fotografia. Foi quando lhe veio à mente, um triste episódio que aconteceu na extinta Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como Carandiru que, devido às péssimas condições de funcionamento, desgaste do sistema político-carcerário, falhas na segurança e na tomada equivocada de decisões, protagonizou o que veio a ser uma das piores tragédias já ocorridas na cidade de São Paulo e na história das penitenciárias brasileiras: O Massacre do Carandiru.



Figura 3. “A Muralha (Ruínas do Carandirú)”. Foto (Marcelo Augusto de Souza - Acervo Pessoal)

Na sua dissertação, o então aspirante a fotógrafo Marcelo Augusto discorreu sobre a ressignificação de um espaço tido antes como um lugar de enfrentamentos e que hoje passou a ser um complexo destinado à educação, à cultura e ao lazer. Sobre isso ele diz que:

[...] A escolha de um bom tema é o ponto de partida para compor um trabalho fotográfico. É preciso pensar em algo que desperte a curiosidade das pessoas. Em se tratando de um trabalho de conclusão de curso, como você vai passar um bom tempo debruçado sobre o assunto, você deve se dedicar a alguma coisa que alimente sua motivação dia após dia, desde o esboço, até o produto final. No meu caso, não houve um só dia que eu me sentisse desanimado. Pelo contrário, enquanto eu escutava a trilha sonora que me inspirou a executar o que eu havia esboçado, os detalhes iam se desenhando na minha mente. Até que, ao som dos Racionais Mc’s, um dia, meu projeto ficou pronto. A satisfação em ver as pessoas contemplando, refletindo e polemizando o seu trabalho em uma exposição é muito grande, e pensar que aquilo é fruto da sua imaginação, que se objetivou pela sua própria ação, acaba dimensionando a importância da sua contribuição enquanto sujeito histórico-social.2

2 Carandiru, uma ressignificação do espaço arquitetônico para um renascimento cultural:

https://www.flipsnack.com/lucieneha/carandiru.html

Outro trabalho idealizado pelo fotógrafo, ao qual ele se refere com bastante carinho, foi uma série fotográfica que ele produziu para chamar a atenção para um outro problema social: o trabalho na terceira idade.

[...] A questão do trabalhador idoso no Brasil precisa ser discutida. Tem pessoas que alcançam a terceira idade com suas capacidades laborais preservadas. Mas para a grande maioria, isso não é bem assim. O tipo de trabalho que a pessoa exerce ao longo da vida pode ser determinante para uma boa qualidade e longevidade da sua vida laboral.

O que ocorre é que muitos idosos continuam trabalhando por necessidade após se aposentarem, tanto que é muito comum nos deparamos com trabalhadores senis e visivelmente fragilizados, enfrentando dificuldades nas ruas, nos ônibus, trens e metrôs, isso quando não são hostilizados pela parcela intolerante da população, mas infelizmente, suportam, porque precisam ganhar o pão de cada dia. Marcelo Augusto

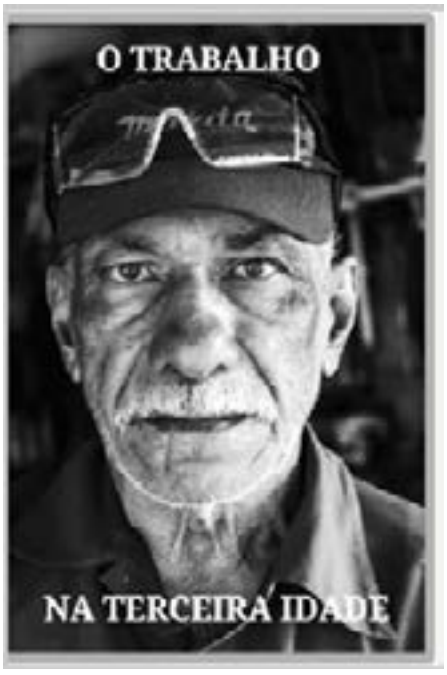


Figura 4. "´Sérgio Serralheiro3, um trabalhador da terceira idade" Foto (Marcelo Augusto de Souza - Acervo Pessoal)



Figura 5. "O Serralheiro" - O Trabalho Na Terceira Idade" Foto (Marcelo Augusto de Souza - Acervo Pessoal).

ENTRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO

Para Maheirie, "O processo de criação se inicia por um resgate de conhecimentos técnicos, sua desconstrução, seu transcender no imaginário, uma reelaboração dos sentimentos e emoções, uma reconstrução dos elementos modificados "por meio da articulação entre reflexão espontânea e imaginação" (Maheirie, 2003, p. 152), para, finalmente, objetivar seu novo produto.

Com base nesta afirmação, traçando um paralelo entre a temática "Constituição do Sujeito" e a construção do seu processo criativo, nosso entrevistado entende que alguns fatores contribuem para que você seja deste modo e não de outro. A família, a escola, o círculo de amizades, o trabalho e o contexto em que vivemos, dentre outras coisas, ajudam a constituir quem nos tornamos e consequentemente na construção de novas coisas. Ele diz que vivemos experimentando sentimentos e sensações e muito do que é produzido no campo artístico, tem a ver com estes sentimentos e com a construção e desconstrução daquilo que tentamos assimilar durante nossas aprendizagens. Quanto à construção dos seus processos criativos o Marcelo revelou o seguinte:

[...] a técnica e o conhecimento teórico obtidos pela mediação e pelo contato com o outro durante o período de formação, são essenciais para dar conta daquilo que nos falta. Saber lidar com as críticas também é necessário. Se alguém empregou um tempo para criticar sua arte, significa que ela não passou despercebida e isso é relevante. Melhor ser criticado do que nem ser notado. As referências e influências também nos inspiram. É neste processo de troca que se constroem os embasamentos necessários para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade e o curso acadêmico me possibilitou isso. Para além dos sentimentos, o domínio das técnicas estudadas permite tornar algo que é extremamente abstrato, como os pensamentos, as sensações e a imaginação em algo objetivo ou concreto, atraente e valoroso. Estudar fotografia transformou o meu pensamento e consequentemente, o meu jeito de olhar que agora parece estar sempre enquadrando uma composição fotográfica.

Michalko (2002), afirma que desenvolver o potencial criativo é ver o que ninguém mais vê, valendo-se de estratégias de saber ver e fazer com que seu pensamento se torne visível; é pensar naquilo que ninguém mais está pensando, o que envolve fluidez de ideias, fazer novas combinações, contemplar o outro lado da "moeda", vasculhar outros mundos, descobrir novas formas de busca e, enfim, despertar o espírito de colaboração. Parafraseando Michalko, o Marcelo diz que contemplar o outro lado é buscar referências e inspiração em outros artistas conceituados ou não e acrescenta:

[...] As referências ajudam você a compor uma ideia. Não é olhar o resultado de um trabalho e fazer exatamente igual, mas sim,

procurar inspirações que despertem o olhar para um jeito diferente de produzir alguma coisa. Fazer novas combinações é buscar elementos com os quais você se identifica. Outras pessoas também poderão buscar inspiração nas suas produções. Para mim, isso é o espírito de colaboração. Por exemplo: quando produzi o ensaio fotográfico sobre o trabalho na terceira idade, busquei inspiração nas fotografias de Irving Penn. As fotos de Cristiano Mascaro também são bastante inspiradoras para mim.



Figura 6. “Trólebus’’, um símbolo de resistência na Selva de Pedra - Foto de Marcelo Augusto de Souza - Acervo Pessoal, inspirado nas ideias de Cristiano Mascaro).

Considerado unanimemente como o maior fotógrafo de arquitetura em atividade no Brasil, Cristiano Mascaro é um exemplo único de arquiteto que se tornou fotógrafo, tendo se doutorado pela usp com a tese “Fotografia e Arquitetura” em 1995. Sobre ele, Antonio Candido4 nos diz: [...]ruas, casas, arranha-céus, veículos, pessoas, vistos de longe ou de perto, isolados ou em conjunto, claros ou escuros, no todo ou em parte, na madrugada, no dia, na noite, são todos deste modo manipulados pela imaginação do fotógrafo com a mirada criadora revestida pelo olho dirigido da máquina. E nós percebemos que a cidade foi reinventada, oferecendo ao nosso olhar desarmado uma realidade que não suspeitávamos, porque é a realidade tornada essencial graças à seleção operada pela maestria do artista. A rua está aí. Casas, postes, fios, carros, transeuntes nos quadros de tijolos, cimento, pedras, asfalto. Estou entre eles, sou parte deles, por isto mesmo não os vejo. Apenas os enxergo, vagamente, “voltado para a vida, absorto na vida” segundo o poema de Manuel Bandeira. Como parte do fluxo, sou incapaz de perceber a prodigiosa realidade plástica, móvel e imóvel que me envolve e me arrasta, banalizada pelo desgaste do cotidiano, pelo automatismo do hábito. É neste ponto que surge Cristiano Mascaro, com sua câmera e me ensina a ver.

4 Crítico literário Antônio Cândido

Ao final do bate papo, nosso entrevistado revela que apesar de gostar de fotografar determinadas coisas mais do que outras, possivelmente, por influência de outros artistas, ele ainda não tem um estilo que caracterize seu trabalho e defina sua personalidade enquanto fotógrafo, fazendo com que qualquer pessoa reconheça sua fotografia pelo seu estilo ou peculiaridade das suas fotos. Contudo, ele acredita que isto é uma questão de exercício, de tempo e do poder transformador que a arte exerce sobre quem está em contato permanente com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias apresentadas neste estudo nos deram uma dimensão sobre como a subjetivação e a objetivação se constituem e podem influenciar na construção dos processos criativos. Neste movimento de subjetivação/objetivação/subjetivação, analisamos o quanto a arte pode ser inconclusa até que se complete no espectador que a interpreta. Constatamos também o quanto os diferentes tipos de arte podem servir como instrumentos de libertação e de transformação social.

Através do depoimento do nosso convidado descobrimos o que ele pensa a respeito dos fatores que influenciaram sua constituição como sujeito e sobre os elementos que contribuem para a construção das suas composições fotográficas.

Ao descrever seus sentimentos enquanto vê sua obra se materializando e se completando no espectador, percebemos que o Marcelo se coloca como um sujeito que traz contribuições histórico-sociais através da sua arte, reafirmando o compromisso que a arte tem com a possibilidade de transformação social.

As fotos do acervo pessoal do artista enriqueceram este estudo nos permitindo contextualizar e compreender melhor o tema e o que estava sendo explicado. Este é o espírito de colaboração, ao qual ele mesmo se referiu em entrevista.

Com isto, esperamos ter contribuído para que outros estudiosos e artistas encontrem neste estudo subsídios para se aprofundar mais sobre o tema.

THE CREATIVE PROCESS MEDIATED BY MOVEMENTS OF SUBJECTIVATION AND HUMAN OBJECTIVATION

FROM THE OBJECTIVITY OF WHO CREATES TO THE SUBJECTIVITY OF THE ONE WHO CONTEMPLATES

ABSTRACT

The present study brings an interesting approach to the relationship between subjectivation, objectification and the construction of creative projects and their perception.

Knowledge of the world is intertwined with knowledge of oneself, but their innate inventiveness is what will constitute an individual's subjectivity, influencing their creativity.

By intertwining the ideas of the theorists who supported this study with the contributions of the photographer Marcelo Augusto, this article intends to promote a reflection on the historical-social processes, combined with other factors, can work as transforming agents and driven in the creation of something new.

KEYWORDS: SUBJECTIVITY, ART, SUBJECTIVATION, HUMAN OBJECTIVATION.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (Voloshinov,V.N.1980). Écrits sur le freudisme. Paris, L'Age D'homme.

(Voloshinov, V.N.-1929). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1992a.

MAHEIRIE, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Revista Interações, 13 (7), 31-44.

MICHALKO, M. (2002). Los secretos de los genios de creatividad. Barcelona: Gestión 2000.com.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried. Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.

SARTRE, Jean Paul.Sartre, J. P. (1965). Esboço de uma teoria das emoções. (F. de C. Ferro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1939)

. O que é literatura? São Paulo: Ática, 1989.

Jean-Paul Sartre: biografia, existencialismo, obras - Brasil Escola

https://estadodaarte.estadao.com.br/a-essencia-do-existencialismo-de-jean-paul-sartre/>. acessos em 20 set. 2020.

VYGOTSKI, L. S. (1987). História das funções psíquicas superiores. Ciudad de La Habana: Editorial Científico-Técnica.